



UNIVERSIDADE FEDERAL DA PARAÍBA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS
LICENCIATURA EM LETRAS PORTUGUÊS

LISSANDRA MOURA DOS SANTOS

**A PARTICIPAÇÃO DA LEITURA NO DESENVOLVIMENTO ESCOLAR DE
JOVENS E ADULTOS:**
UMA EXPERIÊNCIA VIVENCIADA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO.

JOÃO PESSOA /PB
2018

LISSANDRA MOURA DOS SANTOS

**A PARTICIPAÇÃO DA LEITURA NO DESENVOLVIMENTO ESCOLAR DE
JOVENS E ADULTOS:
UMA EXPERIÊNCIA VIVENCIADA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em Letras da Universidade Federal da Paraíba como requisito para obtenção do grau de Licenciado em Letras, habilitação em Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa. Dra. Josete Marinho de Lucena

JOÃO PESSOA / PB

2018

Catálogo na publicação
Seção de Catalogação e Classificação

S237p Santos, Lissandra Moura Dos.

A participação da leitura no desenvolvimento escolar de jovens e adultos: Uma experiência vivenciada no estágio supervisionado / Lissandra Moura Dos Santos. - João Pessoa, 2018.

45 f. : il.

Orientação: Josete Lucena.

Monografia (Graduação) - UFPB/CCHLA.

1. Professor - Prática - Leitura - Aluno. I. Lucena, Josete. II. Título.

UFPB/CCHLA

LISSANDRA MOURA DOS SANTOS

**A PARTICIPAÇÃO DA LEITURA NO DESENVOLVIMENTO ESCOLAR DE
JOVENS E ADULTOS:
UMA EXPERIÊNCIA VIVENCIADA NO ESTÁGIO SUPERVISIONADO.**

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de
Licenciatura em Letras da Universidade Federal da Paraíba
como requisito para obtenção do grau de Licenciado em
Letras, habilitação em Língua Portuguesa.

Orientadora: Profa, Dra. Josete Marinho de Lucena

Trabalho de Conclusão de curso aprovado em 07 de Junho de 2018.

Profa. Dra. Josete Marinho de Lucena - UFPB

Orientadora

Profa. Dra. Quézia Vila Flor Furtado - UFPB

Banca examinadora

Profa. Ma. Lília dos Anjos Afonso - UFPB

Banca examinadora

AGRADECIMENTOS

Agradeço acima de tudo ao Deus onipotente que com sua infinita bondade me fortalece e capacita a continuar enfrentando as batalhas desta vida. Como também a todos os professores em especial a orientadora, Josete Marinho, que com toda benevolência me ajudou nessa reta final a concluir mais uma etapa da minha jornada. A minha mãe, Nady de Moura dos Santos, e ao meu pai, Luiz Alves dos Santos, que com toda garra me inspiraram a prosseguir valorizando os esforços empenhados por eles para não me tornar mais uma integrante do fracasso escolar por falta de oportunidade. Enfim, a todos que direta ou indiretamente fizeram parte da minha formação, o meu muito obrigada.

RESUMO

Busca-se neste trabalho, evidenciar sobre os benefícios da habilidade leitora na Educação de Jovens e Adultos (EJA), justamente por sua prática, contribuir no desenvolvimento linguístico e cognitivo dos alunos. Uma vez que os alunos que as constituem possuem baixo nível de escolaridade e vão se inserido nas modalidades de ensino em busca de se qualificar e assim reparar a defasagem educacional que se encontram. Portanto, três etapas conduzirão no alcance dos objetivos almejados neste trabalho. 1ª etapa: conceituar e analisar a leitura como processo de desenvolvimento educacional; 2ª etapa: evidenciar quem são os alunos da EJA e o porquê a aplicar a leitura favorece no desenvolvimento educacional desses jovens e adultos e por último, na 3ª etapa, analisar na prática como a leitura pode ser abordada em sala de aula. Sendo assim, a pesquisa terá caráter bibliográfico descritivo para analisar, compreender e interpretar a abordagem quali-quantitativa empregada na construção do trabalho, tendo Freire (1989), Martins (1988), Kleiman (2002) e Solé (2007) entre outros teóricos, formando a práxis para conscientizar sobre a prática leitora, em sua interdisciplinaridade, favorece no desenvolvimento pessoal e social de jovens e adultos que buscam as modalidades de ensino.

Palavra Chave: Professor – Prática – Leitura – Aluno

ABSTRAT

The aim of this work is to highlight the benefits of Reading ability in the education of Young and adults, precisely because of its practice, to contribute to the student's linguistic and cognitive development. Since the students that constitute them have a low level of schooling and are inserted in the modalities of education in search of qualifying and thus repair the educational gap that they find. Therefore, three steps will lead to the achievement of the objectives sought in this work: 1^a stage: conceptualize and analyze Reading as a process of educational development; 2^a stage: to highlight who the students of the EJA are and why the Reading favors them and finally, 3^a stage: identify how Reading can be addressed in the classroom. Thus, in order to contribute to the reflections, a descriptive bibliographical research is carried out to assist in analyzing, understanding and interpreting the qualitative-quantitative approach employed in the construction of the work., taking Freire (1989), Martins (1988), Kleiman (2002) e Solé (2007) among other theorists, forming the theory and practice to raise awareness that the Reading practice, in its interdisciplinarity, favors the personal and social development of Young people and adults who seek the teaching modalities.

Keyword: Teacher – Practice – Reading – Student

LISTRA DE ILUSTRAÇÕES

LISTRA DE QUADROS

Quadro 1- Fatores que influenciam na escolha de um livro	19
Quadro 2 - Penetração e média de livros nos últimos 3 meses: por faixa etária	20

LISTRA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

EJA - Educação de Jovens e Adultos

LDB – Lei de Diretrizes e Bases

UNESCO – Organização das Nações Unidas para Educação, Ciência e Cultura.

INAF – Indicador de Alfabetismo Funcional.

PCNs – Parâmetros Curriculares Nacionais.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. A LEITURA CONTRIBUINDO NA APRENDIZAGEM DE JOVENS E ADULTOS.	14
2. AS PERCEPÇÕES EM SALA DA EJA.....	24
3. ANALISANDO INCLUSÃO DA LEITURA EM TURMAS DA EJA	28
3.1. O tema condiciona a leitura.	28
3.2. Apresentando o projeto didático aplicado no estágio supervisionado.	32
3.3. Análise a partir do projeto	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS	43
REFERÊNCIAS.....	45

INTRODUÇÃO

Este Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) em Letras Português na UFPB, consiste em abordar os benefícios da habilidade leitora no desenvolvimento educacional a jovens e adultos, pois essa preocupação deriva das inquietações surgidas na prática de Estágio Supervisionado realizado em escola pública na cidade de Cabedelo que através da vivência em sala de aula foi possível identificar o quanto os alunos da Educação de Jovens e Adultos (EJA) demonstram serem carentes do ato de lê resultando num baixo aprimoramento da competência leitora no desenvolvimento educacional e social que necessitam para execução de sua prática.

Todavia, sabe-se que a carência de conhecimento educacional sofrida por esses alunos se dá pelo afastamento do ambiente escolar que acabam derivando por vários motivos. Exemplificando, encontra-se a má formação na alfabetização em ter apenas o ato de codificar e decodificar como ferramenta para aprender a ler e escrever; dificuldades financeiras, obrigando-os a trabalhar para sustentar a família na época em que deveriam estar na escola; desmotivação nas aulas, por muitas vezes não conseguirem acompanhar os assuntos apresentados pelos professores, classificando a aula como chata e assim vão evadindo do local de aprendizagem com atitudes inconsciente que os fazem ignorar a importância do ensino para vida social; como também existe o envolvimento com entorpecentes, que são uns dos relatos dos professores ao descrever a realidade de alguns alunos da EJA e também em pesquisas e reportagens, por ter forte relação com a crise econômica em que vivem e pelo meio que habitam, tornando-os mais próximos do vício do que os estudos. Não podemos deixar de relacionar os fatores educacionais, que vão desde a estrutura dos prédios até a falta de profissionais e da formação continuada para aprimorar o ensino deixando-o mais atrativos. Fechando o ciclo de motivações negativas que permeia na EJA, teremos a não contribuição dos pais quando não assumem a responsabilidade da educação deixando seus filhos escolherem não frequentar a escola.

Mediante as argumentações anteriores, podemos perceber que a desigualdade no Brasil segue afetando a educação, pois desde a colonização a educação é vista como objeto de lucro, onde os primeiros ensinamentos em território brasileiro surgiram com intuito comunicativo entre jesuítas e os indígenas para conquista do território pelos portugueses e jamais intencionada em desenvolver e proporcionar as pessoas que ali estavam, com grandes feitos intelectuais. Na verdade, os pensamentos sobre educação pós dominação tiveram poucas mudanças, pois muitos governantes viam as classes mais desprovidas como objetos de exploração o que não era

conveniente a eles contribuir na formação de seres conhecedores dos seus direitos e por esses motivos a desigualdade foi motivo de constantes brigas revolucionárias para oportunizar melhores condições de vida. Então, as criações de políticas públicas para educação começaram a surgir com o objetivo de diminuir o índice de pessoas que não sabiam ler e nem escrever, considerados como analfabetos. Porém, nos tempos atuais, as brigas ainda continuam, as batalhas agora são para diminuir o analfabetismo funcional, uma mudança de nomenclatura que segundo pesquisadores está entrando em desuso, mas utilizado pela UNESCO para alertar sobre o nível da alfabetização social como esclarece Magda Soares (2017) ao evidenciar discursões sobre o letramento. Por isso, o termo analfabetismo funcional passa a incorporar os debates, hoje em dia, sobre o nível da competência leitora dos brasileiros que, estatisticamente, encontram-se com índice de insatisfação a públicos com idade entre 15 e 64 anos, ou seja, são jovens e adultos que não conseguem ir além do codificar e decodificar das palavras.

Diante dos obstáculos citados anteriormente, observa-se que o professor tem que estar preparado para a especificidade na modalidade de ensino de jovens e adultos, tendo um olhar analítico que identifique suas necessidades e construam estratégias educativas de superação, possibilitando aos educandos encontrarem nos estudos a permanência que os libertará fazendo-os caminharem a partir do seu agir e pensar. Sendo assim, a formação acadêmica nas licenciaturas deve formar professores, sobretudo, de língua portuguesa contribuintes na formação leitora e da escrita, em que os alunos pertencentes a essas modalidades educacionais são carentes e necessitam dessa formação para desenvolver a habilidade leitora que os impulse a refletir e expressar seu pensamento quando necessário.

Mediante os fatos, os alunos que estão na Educação de Jovens e Adultos (EJA) necessitam de uma formação mais precisa que realmente repare os tempos perdidos revigorando-os a serem indivíduos reflexivos capazes de expor com autonomia suas opiniões seja na representatividade da oralidade ou na construção da escrita, já que é impossível desassociar o ato de ler do ato da escrita.

Nesse sentido, este trabalho tem o objetivo central analisar os benefícios da leitura como desenvolvimento escolar a jovens e adultos, tendo as experiências do estágio supervisionado como apoio para as observações. Entretanto, buscaremos respostas para as seguintes especificidades: Aplicar a leitura em turmas de jovens e adultos; identificar quem são os alunos da EJA e levar os alunos da EJA despertar o gosto pela leitura. Portanto, reconhecer que a prática leitora contribui no desenvolvimento cognitivo, oral e escrito é levar em consideração as percepções encontradas em sala de aula que caracterizando a realidade da EJA para poder entender o porquê da aplicação da leitura ser tão importante ao ponto de levar os alunos a

reconhecer e praticar a habilidade leitora por diversos tipos de gêneros textuais, que resultará no favorecimento de sua inclusão no plano de aula do professor, preferencialmente de língua portuguesa.

A reflexão está dirigida na hipótese de analisar se a leitura ajuda a melhorar as condições dos alunos da EJA. Até porque, o docente só incrementará a prática leitora em sala de aula, se considera-la impactante no desenvolvimento intelectual permitindo-os viver com autonomia.

Organização do trabalho:

Então, o primeiro capítulo trará conceitos do significado de leitura partindo das teorias de Freire (1989), Martins (1982), Kleiman (2002) e Solé (2007). E assim, identificar a leitura como processo de desenvolvimento escolar a jovens e adultos no intuito de aperfeiçoar a aprendizagem do aluno da EJA dentro e fora do ambiente escolar, contribuindo na formação do sujeito reflexivo.

Desta forma, o segundo capítulo, “As percepções em sala da EJA”, terá a finalidade de identificar quem são os alunos da EJA e os motivos que os levaram a participar da modalidade de ensino. Logo, essa abordagem possibilitará refletir se a leitura favorece no aperfeiçoamento da aprendizagem em turmas de jovens e adultos.

No terceiro capítulo, teremos a análise das práxis para implementar a leitura no ambiente escolar por meio de estratégias que leve o aluno a explorar as incumbências das competências leitoras para contribuir, principalmente nas aulas de língua portuguesa, em leitor reflexivo. Este momento teremos a construção do projeto de ensino pensado e aplicado nas modalidades de ensino durante o estágio VI e VII dos ciclos finais da EJA, no intuito de alcançar os objetivos de ter a leitura de forma mais assídua na vida dos alunos.

Metodologia:

Desta forma, o trabalho será apresentado de forma descritiva buscando expor, interpretar e analisar as observações realizadas em turmas da EJA com a finalidade de diminuir por meio da aplicabilidade a problemática da insuficiência do uso da leitura em turma da EJA e assim utilizar os procedimentos bibliográficos retratados no primeiro capítulo com os teóricos que irão favorecer as reflexões durante o desenvolvimento deste trabalho no objetivo de responder a premissa que está voltada pelo método hipotético-dedutivo justamente por não ter verdade absoluta e pode servir para construção de novas pesquisas.

1. A LEITURA CONTRIBUINDO NA APRENDIZAGEM DE JOVENS E ADULTOS.

Podemos inferir que a leitura é uma realização muito antiga que surgiu a milhões de anos com originalidade bem próxima à linguagem, justamente por ser um mecanismo que liga os elementos vistos ou sentidos, o que chamamos de percepções, com a realização da linguagem. Neste caso, estamos falando do ser humano como indivíduo que pensa e faz uso da linguagem para se comunicar com outros indivíduos fazendo uso da leitura por meios verbais e não verbais. Sendo assim, ao buscarmos maior compreensão da palavra leitura encontramos sua significação possui formas diferenciadas a ser apresentada, mas atingindo propósitos semelhantes em relação ao sentido, porém, cada autor retratará por um ângulo diferente. Solé (2007) nos diz que: “Poder ler, é compreender e interpretar textos escritos de diversos tipos com diferentes intenções e objetivos. ” (SOLÉ, 2007, p. 21). Nesta citação a autora utiliza a leitura como processo que vai além da decodificação, pois busca interpretar e compreender a mensagem referida pelo autor, uma perspectiva plausível que permite o aluno através da leitura ampliar seus conhecimentos por meio da interação e tem o texto escrito como fonte a essa prática.

Já nos argumentos de Freire (1989) a leitura inicia-se com as percepções e por isso ele diz que: “A leitura do mundo precede a leitura da palavra, daí que a posterior leitura desta não possa prescindir da continuidade da leitura daquele. Linguagem e realidade se prendem dinamicamente. ” (FREIRE, 1989, p. 9). Mediante aos argumentos, o ato de ler entra em atividade a partir das percepções humanas ao habitar o mundo interpretando e compreendendo todos os elementos descritos nele sem saber ler a palavra, neste momento ele traz as identificações do que está ao nosso redor como as imagens, objetos, as árvores, o céu ...ou seja, várias são as formas que nos rodeiam até chegar os escritos, que nada mais é, o registro do que se ler. Sendo assim, presenciamos uma cumplicidade entre linguagem e mundo, onde uma só existe pela existência da outra e por ter o indivíduo como atuante.

Com essa visão, Freire (1989) ensinava a ler o significante a partir dos elementos que os alunos conheciam antes de conhecer a palavra, pois quando mencionamos através da oralidade, o significante de um significado, o sujeito mesmo não alfabetizado consegue identificar por já conhecer sua existência por um processo de correlação do significante e o seu significado, e assim iam aprendendo mediante as percepções do que ele podia ver, ouvir e sentir. Entende-se essa compreensão como elementos prévios que todo indivíduo precisa desenvolver para poder se comunicar.

Porém, na teoria de Martins (1988) visualizar o conceito de leitura como continuidade ao pensamento Freireano tendo o ato de ler como uma forma mais ampla, desprendendo-se da função formalista que tratava o aprender a ler apenas ao processo de decodificar o signo linguístico, quer dizer, memorizar sem a preocupação da compreensão da aprendizagem, que é dado pelo sentido da palavra. Conforme Paulo Freire chamava de bancária pelo simples fato de depositar informações por memorização.

Considerando as colocações acima, Martins (1988) questiona a relação do ato de ler ser vinculado apenas ao sistema de escrita, tendo no texto a concretização da realização da leitura. Ao falar em sujeito leitor mentaliza-se aquele que está diante da grafia a decodificar. O que foi comprovado ser um ato falso uma vez que os historiadores evidenciam que a escrita tem precedência posteriores a fala e foi criada pela necessidade de registrar, documentar, os acordos e acontecimentos demarcados pela oralidade pela representação de símbolos. Tal fato nos leva inferir a leitura como método de concretização entre o objeto e o que se falava dele. No entanto, Martins argumenta ser preciso

Considerar a leitura como um processo de compreensão de expressões formais e simbólicas, não importando por meio de que linguagem. Assim, o ato de ler se refere tanto a algo escrito quanto a outros tipos de expressão do fazer humano, caracterizando-se também como acontecimento histórico e estabelecendo uma relação igualmente histórica entre leitor e o que é lido. (MARTINS, 1988, p. 30)

Partindo desse ponto de vista, a leitura passa por outros artefatos comunicativos, entre eles estão os desenhos, imagens, símbolos, pinturas e os gestos, elementos não verbais, que também são meios utilizados para transmitir mensagens entre o locutor e o interlocutor, o que desvincula o ato de lê concretizado apenas ao texto escrito. Por esta perspectiva, Martins (1988) constrói forte diálogo com Freire (1987) ao ver a leitura como mecanismo que retrata as percepções, associadas ao que pode ser visualizado ou sentido para se criar uma leitura, porém se trata de expressões silenciosas, em que, esteja ou não acompanhado da escrita pode ser compreendida. A autora relaciona as expressões humanas, está triste, alegre, com raiva, preocupada... enfim, como formas de expressões que emitem significados e faz parte da linguagem, até porque linguagem significa qualquer forma de comunicação, sendo ela verbal ou não verbal.

Quando falamos em considerar a habilidade leitora na aprendizagem escolar, propõe-se levar os estudantes a entender e praticar as competências leitoras, que nada mais é que, compreender, interpretar, formular pressuposições até chegar nos resultados. Este trajeto informará que o aluno entendeu a finalidade do objeto analisado e foi além da decodificação, conseguindo lê qualquer tipo de linguagem. Na verdade, só se aprende ler lendo não existe

técnica para aprender a ler, o que existe é estratégias para acionar as finalidades das leituras, sendo assim, Kleiman (2002) traz a aprendizagem da leitura pela interação, pontuando métodos para que os professores trabalhem com seus alunos estrategicamente.

A concepção de leitura que a considera como uma atividade a ser ensinada na escola, não como mero pretexto para outras atividades e outros tipos de aprendizagem, está embasada em modelos já bem definidos sobre como processamos as informações. Esses modelos lidam com os aspectos cognitivos da leitura, isto é, aspectos ligados à relação entre o sujeito leitor e o texto enquanto objeto, entre linguagem escrita e compreensão, memória, inferência e pensamento. Eles tentam incorporar aspectos socioculturais da leitura, uma vez que vão desde a percepção das letras até o uso do conhecimento armazenado na memória. Entretanto, esses modelos se voltam para os complexos aspectos psicológicos da atividade, apontando para as regularidades do ato de ler. (KLEIMAN, 2002, p. 31)

Além do que o aluno só conseguirá a proficiência na leitura se for permitido a realização de sua prática, todavia, estamos falando de Jovens e Adultos que estão distantes das práticas escolares por um determinado tempo e não veem a leitura como método de aprimoramento cognitivo e do desenvolvimento da língua. Por essa razão possibilitar o contato prático e prazeroso em momentos na sala de aula contribui na formação do aluno pesquisador que tem curiosidade e busca respostas aos seus anseios. Por isso, só se aprende a ler lendo e ativando sua imaginação, suas percepções. Kleiman (2002, p. 8) traz no capítulo de seu livro a utilização do termo binômio para aprendizagem com a leitura. Onde diz que não podemos ver a palavra com seu sentido particular, mas na união das palavras para um único sentido.

Em consequência disso, vê-se, a leitura a todo instante como processo de desenvolvimento que quando praticado de forma eficaz contribui aos métodos educacionais levando o aluno a ampliar a execução dos mecanismos da cognição, (reflexão, compreensão, linguagem etc.) responsável por formar o conhecimento intelectual do ser humano. Sabe-se que para atingir a etapa da competência leitora o aluno deve ser estimulado e ter mais contato com a várias faces da linguagem sendo elas verbal, representada pela fala ou escrita e a não verbal, utilizada pela visibilidade. Por isso podemos constatar que a leitura representa tanto na verbalização quanto a simbologia e sobre esse argumento Martins (1986, p.7) busca desmitificar a representação do ato de ler apenas pela escrita levado a decodificação, mas proporcionar análise nas simbologias que faz parte das nossas ações cotidianas que vai além da união de palavras, ela pode ser realizada em gestos, objeto, imagens... em todos os elementos que constitui o mundo, além do que quando visitamos o museu, por exemplo, realizamos a leitura visual das obras, identificando a expressão dada pelo pinto nos traços geométricos, nas escolhas das cores, enfim, se tem um outro tipo de leitura que não está empregada na codificação das letras.

Também vale salientar que os benefícios da prática leitora não limitam-se apenas no conhecer histórias e informações, pois contribui na ampliação do vocabulário oferecendo maior poder argumentativo, até porque, a persuasão se interliga ao domínio do campo temático presente nas ações em sociedade que vai agregando na construção comunicativa. Quem muito ler e faz uso da sua prática, conseqüentemente, passa ter melhor desenvolvimento na fala e na escrita devido a representatividade que uma se conecta a outra. Como também, suas atividades permite ir além da aquisição e aperfeiçoamento da língua, faz com que mente e cérebro vivam em harmonia distribuindo saúde a todo funcionamento do corpo. Contudo, não vamos nos deter nos feitos da neurologia, o intuito foi apenas exemplificar a participação do ato de ler nesta área, até porque a leitura faz a função interdisciplinar.

Desse modo, sabemos que nem todo mundo é consciente das benfeitorias do ato de ler, pois o índice letrado da população vem sendo diagnosticada como insatisfatória, principalmente entre jovens e adultos que romperam com a rotina escolar e durante o período de afastamento mantem sua mente no sedentarismo intelectual por não exercitar o raciocínio, a compreensão, presos a uma vida árdua de trabalho ou por falta de estímulo durante sua alfabetização.

Quando falamos do exercício da leitura no ambiente escolar queremos salientar sua atividade ultrapassando o aprender a ler e escrever pelo processo fonético e fonológico realizados nos anos iniciais da aquisição, que sejam atividades permanentes tanto dentro como fora do ambiente escolar, permitindo um sujeito mais reflexivo e crítico fazendo questionamentos para ampliar seus conhecimentos. Porém, influenciar jovens e adultos na prática leitora é proporcionar mergulhar nesse universo mágico e encantador com várias faces, onde o conhecimento pode se associar ao entretenimento que muitas vezes é negligenciado e explorado dentro do ambiente escolar, permitindo o contato aos variados tipos de leitura presentes nos gêneros textuais, literários e a pintura como representação do cotidiano, fortalecendo as vantagens de incluir a leitura no seu dia a dia. Até por que, quanto maior for o contato dos alunos da EJA com a leitura e a escrita melhor será seu desenvolvimento.

Sendo assim, a função do professor e de mediar conhecimento e numa turma totalmente heterogênea trazendo conhecimentos, realidade e faixa etária diferenciada, acaba instigando no educador a busca por metodologia que se adeque as dificuldades encontradas, sendo assim, identificar qual o nível de alfabetização dos alunos é o marco triunfal para construção do plano pedagógico voltado na formação de leitores em sala da EJA, para isso, o profissional da educação precisa discernir os níveis classificatórios do Indicador de Analfabetismo Funcional (INAF) apresentado por Schwartz (2012) no livro “Alfabetização de Jovens e Adultos” são eles:

Analfabetismo absolutos: 7% dos brasileiros de 15 a 64 anos – sujeitos que não conseguem realizar tarefas simples que envolvam a leitura de palavras e frases.

Alfabetismo nível rudimentar: 19% dos brasileiros de 15 a 64 anos – sujeitos que desenvolveram a capacidade de localizar uma informação explícita em textos curtos e familiares.

Alfabetismo nível básico: 47% dos brasileiros de 15 a 64 anos – neste nível os sujeitos podem ser considerados funcionalmente analfabetos, pois leem e compreendem textos de média extensão, localizam informações, mesmo que seja necessário realizar pequenas inferências. No entanto, apresentam limitações quando as operações requeridas envolvem maior números de elementos ou relações.

Alfabetismo nível pleno: 28% dos brasileiros de 15 a 64 anos – são capazes de compreender e interpretar elementos usuais da cultura escrita: leem textos longos e complexos, relacionando suas partes, comparam e interpretam informações, distinguem fato de opinião, realizam inferências e sínteses. (SCHWARTZ, 2012, p. 27)

Os níveis rudimentar e básico são registros recorrentes nas turmas do fundamental II e médio nas salas da EJA, e mudar esse fator no ensino requer incluir na formação desses estudantes a leitura. “A leitura seria a ponte para o processo educacional eficiente, proporcionando a formação integral do indivíduo”, (MARTINS, 1988 p. 25) onde deve ser integrada dentro e fora do ambiente escolar, assumindo uma prática prazerosa e não por obrigação. Entretanto, Martins (1988) traz abordagens bem significativas revigorando a importância do ato de ler quando diz:

A leitura se realiza a partir do diálogo do leitor com o objeto lido – seja escrito, sonoro, seja um gesto, uma imagem, um acontecimento. Esse diálogo é referenciado por um tempo e um espaço, uma situação desenvolvida de acordo com os desafios e as respostas que o objeto apresenta, em função de expectativas e necessidades, do prazer das descobertas e do reconhecimento de vivências do leitor. (MARTINS, 1988 P. 33)

Em princípio, o leitor só ler aquilo que lhe atrai, e essa atração é dada por elementos que antecedem a leitura verbal e ao mesmo tempo trabalha em conjunto com o texto que é o não verbal, as imagens, as cores traz um significado correlacionado ao texto e precisa ser ressaltado nas leituras quando o intuito é formar leitor, pois a leitura não se dá apenas ao texto escrito, mas sim, de tudo aquilo que interage com ele. No quadro 1 a seguir traz dados nos quais podemos identificar como se interligam a leitura com o indivíduo.

Quadro 1- Fatores que influenciam na escolha de um livro



Fonte: Retratos da Leitura no Brasil

Nas divulgações pelo Instituto Pró-Livro em parceria com a UNESCO dados revelam que entre aqueles que gostam de ler há a presença atuante de impulsionadores na escolha da leitura dos brasileiros leitores tendo uma maior citação os temas ou assuntos com 30% porém, a observação ao lado direito reforça que quase a metade desses 30% são adultos em níveis de escolarização superior, o que nos leva a deduzir na leitura para qualificação profissional. O segundo mais citado está na credibilidade de autores ao ganhar seguidores com escritas cativantes com 12%, logo em seguida está emparelhado com 11% a escolha pela capa, imposta ao jogo de marketing dando o direito a posse do objeto e por ser uma leitura que atrai olhares das crianças idealizando a leitura pela capa. Na disputa aparece as indicações de terceiros e os títulos pela formação já conquistada pelo hábito leitor como herança de familiares, amigos ou até na participação do professor como indutor, mesmo numa tímida contribuição, pois segundo a pesquisa, os educadores representam 7% da influência leitora o que é lamentável e está sendo mais atribuída nos anos iniciais da alfabetização, no propósito do aprender a ler codificando e decodificando sem se tornar permanente.

A influência levando ao desenvolvimento sempre é vista como algo bom e precisa ser mais praticada principalmente quando o assunto é leitura, base das competências de aprendizagens na escolarização, onde o professor tem o dever de atribuí-las em todas as etapas de ensino, e não destina-la apenas ao processo de alfabetização nos anos iniciais. Ao diagnosticar nas pesquisas a tímida contribuição dos professores e noticiar o índice alarmante

de estudantes em estado de analfabetismo funcional podemos atribuir a probabilidade da prática de leitura seja mais trabalhada por professores em escolas particulares do que em escolas públicas, pois no contato em sala de aula e nas atividades que requer a presença da leitura fica em evidência nas expressões dos alunos o quanto ausente é sua prática. Se nas salas do ensino regular já deparamos com o fracasso das habilidades leitora o que podemos esperar nas modalidades de jovens e adultos.

No quadro 2 vamos destacar a influência da leitura entre as faixas etárias tendo a escola como parceira no desenvolvimento dos alunos através do ato de ler. 18 a 24 e 25 a 29 com indicações de leitura pela escola contando que entre esse grupo estão a participação dos alunos da EJA.

Quadro 2 - Penetração e média de livros nos últimos 3 meses: por faixa etária

		TOTAL		5 a 10		11 a 13		14 a 17		18 a 24		25 a 29		30 a 39		40 a 49		50 a 69		70 e +	
		2011	2015	2011	2015	2011	2015	2011	2015	2011	2015	2011	2015	2011	2015	2011	2015	2011	2015	2011	2015
Penetração de Leitura	Unidade																				
Leitura em geral*	%	50	56	66	66	84	84	71	75	53	66	47	59	48	57	41	48	33	41	24	27
Livros inteiros	%	26	33	35	48	51	67	48	51	27	44	27	38	26	29	21	22	15	20	9	11
Livros em partes	%	39	48	53	57	65	74	59	65	43	58	36	47	37	50	32	42	27	33	20	22
Leitura de livros indicados pela escola*	%	21	16	57	52	74	66	67	45	21	19	10	10	9	6	6	2	2	1	0	0
Leitura de livros por vontade própria*	%	38	50	28	55	41	71	39	63	43	61	44	53	44	52	39	45	33	40	24	25
Leitura por vontade própria – Bíblia*	%	16	26	9	26	11	31	12	20	15	26	16	22	21	29	18	29	19	26	17	18

Fonte: Retratos da leitura no Brasil

Os motivos que aguçam a análise desses dados é que mais uma vez a escola destaca-se negativamente no requisito leitura, o que eleva dados preocupantes com reflexões sobre a qualidade de como estão sendo manuseada as leituras autônomas que não trilham por finalidades desconhecidos pelos próprios praticantes, resultando em exercícios sem reflexão e com poucas compreensões do que estão lendo, logo muitos não conseguem aplicar suas leituras nas ações cotidianas, tendo as realizações leitoras como apropriação aquisitiva da língua. Iniciando a análise do quadro acima, notamos a queda porcentual da escola como influenciadora da penetração do livro entre as faixas etárias apresentadas. No ano de 2011 as pesquisas apontam 21% de influência e queda de 5% em 2015, isso quer dizer que o ambiente escolar é falho no pré-requisito leitor perdendo espaço para as novas tecnologias, pois as preferências dos indivíduos nos tempos de hoje voltam-se a televisão e redes sociais.

Outros destaques extraídos do quadro acima é a repercussão da leitura nas faixas etárias de 18 a 24 e 25 a 29 que enquadra os alunos da EJA e nos faz refletir o tipo de conteúdo exposto a esses alunos que seja mais gratificante ao desenvolvimento intelectual do que as

aprendizagens extraídas pela prática leitora. Neste caso, o professor de língua portuguesa adota uma responsabilidade maior na hora de indicar leituras aos seus alunos, pois trata-se de um ser referencial. É inadequado pensar que existe professores não leitores, porém como um educador não leitor irá formar leitores se ele ignora essa prática no seu dia a dia, quando adotamos uma linha metodológica interacionista faz necessário dotar-se de conhecimento literários e do mundo para que se haja o dialogismo e assim, criar condições aos educandos de conquistar além do codificar e decodificar, passar a compreender o código expresso. Portanto a leitura é:

Um processo de compreensão de expressões formais e simbólicas, não importando por meio de que linguagem. Assim, o ato de ler se refere tanto a algo escrito quanto a outros tipos de expressão do fazer humano, caracterizando-se também como acontecimento histórico e estabelecendo uma relação igualmente histórica entre o leitor e o que é lido [...] A função do educador não seria precisamente a de ensinar a ler, mas a de criar condições para o educando realizar a sua própria aprendizagem, conforme seus próprios interesses, necessidades, fantasias, segundo as dúvidas e exigências que a realidade lhe apresentar. (MARTINS, 1988 p. 30 e 34)

A apropriação da leitura vai além dos educandos ter acesso aos livros, cada indivíduo possui gosto diferente e a posse começa quando você se identifica com o objeto de desejo, dessa forma, sobre a visão da Maria Helena (1988) três tipos de leitura aflora o desejo de ler, primeiro o sensorial que abrange o tato, quando se realiza o ato de pegar e abrir o livro, de apreciar cada folha contida, e a visão, quando as cores, gravuras e títulos os atraem. Segundo, a leitura emocional abrange o emotivo do leitor, dialogando com o seu estado de espírito, é uma leitura de libertação, com a intenção de desopilar a mente exercendo apenas a função compreensiva do que está expresso, preenchendo um estado que marca os contentamentos ou mazelas norteadoras dos seres humanos. Por último, o racional, esse sim, aprofundará na compreensão e reflexão, exigindo mais do que uma simples identificação do código escrito, levará as inquietudes do leitor sobre o assunto abordado, dando uma aproximação entre o leitor e o objeto que virá carregado de conhecimentos intelectuais transformadores.

Com o propósito de formar leitores passamos a analisar a importância das leituras sensorial, emotivas e racionais na inclusão das práticas em sala de aula, além do mais, o ato de ler não refere-se apenas a escrita posta nos textos, está inserida no expressionismo das músicas, pinturas, imagens, gestos etc. bem simbólico no convívio do ser humano. Esta interação é uma maneira complementar ou suplementar que possibilita a formulação de um saber crítico-

reflexivo, saber esse, que deve ser valorizado cada vez mais no processo de ensino aprendizagem.

Segundo Cavalcante, Mendonça e Santos (2007, p. 28) “os textos para serem compreendidos, necessitam do conhecimento do leitor/ouvinte sobre o mundo de que falam, sobre a sociedade em que estão inseridos e também sobre a língua em que são escritos/falados”. Para auxiliar na reflexão e compreensão, o leitor precisa aprofundar a leitura e tornar-se pesquisador conhecendo a origem do que estão lendo. Então, como a proposta do estágio abordava a migração, parti da literatura da obra “Morte e Vida Severina” comparando os relatos presente na obra com a realidade vivenciada pelos alunos e seus familiares, já que no município (Cabedelo) que estudam, a migração caracteriza a formação da renda familiar, como também, a temática dialoga nas questões culturais da cidade, mas também pode trazer a literatura para a sala de aula.

A compreensão da leitura tem relação com os estudos pragmáticos, precisa estudar as palavras dentro do contexto e faz parte da contextualização saber quem produziu e os motivos que levaram a produção. As formas de leituras devem estar associadas no entendimento do texto escrito ou oral e essa significância passa despercebida. “O leitor, então, consome o texto sem se perguntar como ele foi feito. (MARTINS, 1988, p.58) Esse ato acaba prejudicando a compreensão do código transmitido pelo emissor fazendo a leitura sem sentido, ou até mesmo distorcendo a interpretação por faltar informações que os auxiliem, passando a ser um texto sem sentido para o leitor decodificador. Esse fracasso acaba afastando-o da leitura e em consequência travando o desenvolvimento de aprendizagem do aluno, tornando-o mais um integrante do analfabetismo funcional.

O analfabetismo funcional analisado na perspectiva da língua portuguesa, caracteriza a dificuldade de compreender e produzir textos, estagnando no processo de codificação e decodificação, fase que preocupa tanto os órgãos governamentais quanto aos integrantes que lutam para modificar a realidade da educação que temos hoje, contudo, esses alunos circulam em todas as etapas do ensino, com proporções ainda maior nas modalidades da Educação de Jovens e Adultos. Deste modo, refletir que é a partir da leitura que acontece o desenvolvimento educacional no país, propicia ao professor abraçar a causa e fazer valer essa mudança benéfica onde o educador pode e deve contribuir servindo como exemplo. No entanto, a leitura deve estar presente na vida do professor para que ele possa torná-la presente na vida do educando, pois formar leitores vai além de ensinar a juntar sílabas e palavras. Segundo Bordini e Aguiar,

Aprender a ler o texto verbal e escrito, não basta conhecer as letras que assinalam os fonemas, nem adianta saber que os fonemas só fazem sentido quando reunidos em palavras ou frases. Não é suficiente, também, descobrir ou compreender as regras do código chamado gramática, que justam fonemas em palavras ou palavras em frases. Essas habilidades são apenas operações de base para a leitura e, na vida prática, são dominadas por processos mentais de associação e memória a partir da motivação do indivíduo ágrafo quando ingressa na escola em busca do domínio da escrita. (BORDINI E AGUIAR, 1993 P. 16)

O que Bordini e Aguiar nos falam é que a leitura em sala de aula deve ir além do processo de decodificação, deve levar o aluno a compreender, refletir e criticar incorporando a aprendizagem através do uso semântico e pragmáticos dentro de um texto, uma vez que, “A linguagem verbal é, dentre as formas de expressão e comunicação, a mais utilizada pelo homem [...] que todas as linguagens humanas são repassadas pela palavra. ” (BORDINI e AGUIAR, 1993 p. 9) Pois, língua e linguagem se relacionam, ou seja, a língua como representação dos elementos que caracteriza a palavra e o indivíduo que faz jus dessa prática tem melhores habilidades ao falar e escrever.

Presenciar uma numerosa população e dentre eles estudantes, com diferentes níveis de letramento, nos levam a refletir o quanto a leitura é coadjuvante no desenvolvimento do indivíduo e precisa ser trabalhada com mais fervor no espaço escolar, permitindo que os alunos sejam capazes de avançar o processo de identificação de letras e palavras, e passem a interpretar e compreender a utilização dos significantes e seus significados no conjunto de signo presente no cotidiano. Deste modo, a leitura torna-se objeto de estudo para melhorar a formação escolar, um trabalho arduo e que requer tempo, quanto mais cedo dar início a essa habilidade melhor será a formação educacional na construção do indivíduo letrado. Portanto, a leitura deve ser inserida atingindo o prazer, a curiosidade, ter relação com o cotidiano do aluno então o próximo capítulo trataremos as percepções dos alunos da EJA.

2. AS PERCEPÇÕES EM SALA DA EJA

Ao observar a turma de jovens e adultos de uma escola estadual na cidade de Cabedelo durante o processo de estágio, percebia-se que a defasagem na escolaridade era dada por vários fatores e identifica-los significava compreender as batalhas que os professores se deparam ao assumir o sistema de ensino da EJA. No entanto, conhecer os aspectos que a constitui, torna-se mecanismo favorável na elaboração didática a ser aplicada nas turmas no intuito de aprimorar seus conhecimentos atendendo suas necessidades e interesses para com o uso da língua. Seguindo este pensamento, frisaremos nos conteúdos cabíveis a Língua Portuguesa em desenvolver com maior fervor os componentes para o ato de ler. Além do que, inúmeros levantamentos estatísticos apontam que milhares de brasileiros compartilham da insuficiência na habilidade leitora e no querer modificar essa realidade torna-se pertinente possibilitar no ambiente escolar, principalmente em turmas da EJA onde a problemática é apresentada com maior intensidade, o trabalho envolvendo as competências leitora.

Quando se trata da leitura, obtém-se logo a compreensão que a sociedade se divide em dois grupos, os que praticam o hábito da leitura e dos que não faz uso dela em seu dia a dia. Infelizmente, o maior índice de não leitores estão associadas as classes de baixa renda onde a consciência é imatura, justamente, por não seguirem de forma gradativa a construção do saber no período pré-estabelecidos, dos 4 aos 17 anos de idade, pela Lei de Diretrizes e Bases (LDB). Tal fato corresponde a relação desses indivíduos com as obrigações familiares de forma precoce tendo como agravante a desigualdade social e econômica desestabilizando famílias que acabam trazendo um histórico degradante de escolarização por várias gerações.

Ter o trabalho de forma precoce lidera o ranque das problematizações nas modalidades de jovens e adultos. Porém, no aprofundamento das análises é inevitável não destacar outros fatores como colaboradores ao fracasso de jovens e adultos nos grupos escolares, entre eles encontramos: fatores econômico, educacionais, políticos e sociais, como motivadores da ruptura levando alguns deles a futuramente adentrarem em programas educacionais em busca de oportunidades que os ajudem a recuperar o tempo perdido. Sabe-se que “os alunos buscam a escola para satisfazer necessidades particulares, para se integrar a sociedade letrada da qual fazem parte por direito, mas da qual não podem participar plenamente quando não domina a leitura e a escrita.” (BRASIL, 2006, p. 11). A preocupação do falar e escrever bem são expectativas trazida pelos discentes que se inserem na EJA, até porque buscam melhorares oportunidades de emprego que estão cada vez mais concorridas.

Boa parte desses alunos em contato no estágio, nos ciclos mais avançados da EJA, relataram motivos diferenciados sobre sua chegada na modalidade, pois dos alunos que participavam da turma observada, derivavam do ensino regular e rompem por motivos que ouvimos constantemente quando o assunto é EJA. Os indivíduos que rompem a sistematização estabelecida pelas Diretrizes, com relação a faixa etária de início e término dos estudos, tem como causa principal o mercado de trabalho e nesse sentido, várias histórias passam a incrementar a abdicação dos estudos pelo trabalho. Esse fator acaba sendo a maior causa da evasão escolar, e por isso poucos conseguem driblar os obstáculos de uma vida árdua, vencendo o cansaço físico e mental de um dia de trabalho, para estarem numa sala de aula. Já os que não conseguem permanecer, abdicar dos estudos é a alternativa adotada por muitos.

Mas, como toda ação tem uma reação, mais tarde os que abandonaram os estudos sentem o peso dos seus atos ao enfrentar as determinações do mercado de trabalho exigindo um maior nível escolar. Porém, o setor econômico não é o único descontentamento que permeia na EJA, suas turmas são compostas por uma realidade excludente, tanto pela vida social quanto educacional e pontuar o que caracteriza essa fuga ajuda a compreender quem são esses indivíduos e suas necessidades. Citaremos abaixo as percepções identificadas e relatadas na convivência com jovens e adultos, ajudando a compreender as marcas problematizadoras na EJA que são:

- As diretrizes constantes na LDB demarcam a idade de permanência no ensino regular de cada ano, verbalizando a exclusão dos alunos que não se enquadram entre a faixa etária exigida para estarem no ensino regular, contribuindo assim, com o fracasso educativo, pois muitos acabam substituindo a sala de aula pela precoce contribuição no desenvolvimento capitalista com salários injustos, fortalecendo a exploração da mão de obra.
- A chegada de um filho relaciona o afastamento principalmente do sexo feminino das salas de aulas, a gravidez precoce a obrigar as meninas a dedicarem os cuidados ao bebê e os estudos vão para segundo plano.
- O distanciamento no trajeto entre escola e a residência, a dependência do meio de transporte torna-se empecilho, pois, nem todas as regiões disponibilizam de meios de transportes ofertados pelos municípios auxiliando uma educação para todos.
- A reprovação repetitiva gera a desistência por parte dos alunos por sentirem coagidos pela dificuldade de aprendizagem, em que não iremos nos deter nos relatos, como

também a exclusão do ensino regular por parte da gestão escolar tendo como causa a inadiplência.

- Entre todas as dificuldades já relatadas, as drogas também é uma das causas que afasta os adolescentes das escolas, por isso alguns podem retornar e outros não.

Ao apontar os relatos acima, vimos um forte dialogismo com os apontamentos realizados nas abordagens de Soares (1996, p. 28) quando diz que:

A educação de adultos é antiga. Surge para atender à parcela significativa da população que não conseguiu e não consegue concluir o ensino fundamental na idade escolar, nos cursos diurnos. Ela é fruto da exclusão e da desigualdade social. São demandatários da educação de jovens e adultos aqueles que não tiveram acesso à escola na idade própria, os que foram reprovados, os que evadiram, os que precisaram trabalhar para ajudar a família... (Apud. SILVA, 2009, p. 63).

Vimos que não é uma realidade local ela se espalha por todas as regiões tendo uns com maior índice negativos como é o caso do nordeste, segundo a publicação do G1 (2012) “ O nordeste concentra mais da metade dos analfabetos do país, ” o que torna os dados preocupantes.

É assim a realidade dos jovens e adultos que não puderam ou não tiveram a oportunidade de estar na escola agregando conhecimento para seu desenvolvimento social. É partindo desta visão que medidas educacionais, como a Educação de Jovens e Adultos (EJA) foram criadas para oportunizar indivíduos os que tiveram o processo de escolarização fracassado, permitindo recuperar o tempo perdido, mesmo que os motivos que os façam regressar sejam em maior parte pelas exigências do mercado de trabalho.

Possibilitar que esses jovens e adultos estagnados venham se libertar de uma vida opressora, é se apropriar da teoria de Freire (1987) ao propor uma educação libertadora, que leve os alunos a refletir, questionar-se, irem em busca dos conhecimentos para aprimorar os já existentes. Por isso, o professor ao planejar sua aula não deve ignorar quem são e como vivem os alunos, pois é através da consciência adquirida desses dados que o professor conseguirá elaborar uma prática consistente com possibilidades de equilibrar os níveis de aprendizagem e assim proporcioná-los a reverter a defasagem que os levam a adentrar nos níveis de analfabetismo funcional, pois “diminuir a distância entre o que esperam os alunos e alunas e o que a escola lhes oferece é tarefa que só pode ser cumprida pelos professores da EJA.” (BRASIL, 2006, P. 11)

Ao observar alguns momentos da disciplina de Língua Portuguesa nos estágios, as atividades realizadas pela professora regente demonstravam a prática voltada a metalinguagem influenciando propor nas intervenções uma metodologia que levasse os alunos a aflorar seus

conhecimentos prévios por meio dialógico e tendo a leitura como coadjuvante aqueles alunos. Foi possível perceber que os alunos não tinham o hábito de fazer uso do pensamento reflexivo, e assim, apoderar-se da leitura levando-os a refletir, compreender e interpretar a linguagem, uma vez que estão em ciclos equivalentes ao fundamental II e médio, que buscam o desenvolvimento da aprendizagem dos indivíduos. Mediante a essas observações, deparamos com leitores que perpetuavam no processo de codificar e decodificar, o que caracteriza-os analfabetos funcionais, por não ter habilidade na compreensão e interpretação de textos, e consequentemente, apresentavam dificuldades na escrita. “Em percepção mais complexa, a escrita é concebida não como a representação de um código, mas como representação da linguagem, pois a língua escrita não é simplesmente uma combinação de letras, e sim um modo de comunicar significados. (SCHWARTZ, 2012, P. 48)

Sabemos que a leitura exige mais do que uma simples identificação de letras e palavras, engloba o sentido de usar as palavras dentro do contexto comunicativo. (Saber o uso dos sinais de pontuação, por que usamos uma determinada palavra e não outra, o estudo dos elementos cognitivos e seus funcionamentos, a presença dos verbos em seus tempos verbais situando tempo e espaço ao leitor, a finalidade de expressão dada pelas palavras podem desenvolver uma aprendizagem que envolva a visão estruturalista e funcionalistas integrantes num processo sócio-interacionista e não como métodos a serem trabalhados de formas individuais.

Por isso que falamos que, texto, leitura, interpretação e compreensão são características de transformações nas salas de aulas, além do mais, a leitura é pertinente na formação do leitor reflexivo, principalmente quando utiliza-se os fatos culturais da cidade onde vivem para que os conhecimentos prévios sobre o assunto contribuam no dialogismo e crie a consciência que sua aprendizagem deriva do ato de ler, uma experiência que envolve a curiosidade, as descobertas a seleção de leitura que pouco a pouco incorpora suas práticas descobrindo gradativamente que a leitura é elemento essencial para vida.

E para o aluno se tornar um sujeito reflexivo que passe a questionar expor suas dúvidas e certezas, o professor precisa adquirir a consciência que a leitura é responsável pela transformação educacional desses sujeitos que buscam as modalidades de ensino da EJA para uma aprendizagem rápida permitindo ler e escrever de forma eficaz. Por tanto o próximo capítulo permitirá analisar a importância de praticar a leitura em sala de aula.

3. ANALISANDO INCLUSÃO DA LEITURA EM TURMAS DA EJA

3.1. O tema condiciona a leitura.

É com esse olhar que, a partir da necessidade de elaborar e aplicar um projeto de ensino na turma de estágio VI e VII visando uma reflexão dialógica entre os alunos e com os alunos, que utilizamos uma abordagem partindo da visão de Vygotsky num pensamento sócio interacionista ao revelar a aprendizagem como parte da interação do indivíduo com o outro e pelo meio que vive, com isso, podemos interligar que Vygotsky e Freire utilizam-se da mesma linha de raciocínio de ter o mundo como coadjuvante na aprendizagem, onde o saber vem da relação homem e mundo e de um indivíduo com o outro, até porque Freire (1987, p. 39) diz que ninguém aprende sozinho e tão pouco que alguém educa alguém, mas que a aprendizagem parte da relação de um com o outro, ou seja, em comunhão através da vivências no mundo.

Portanto, ao analisar o projeto aplicado no estágio, presenciamos internalizado na construção, as teorias de Vygotsky e Freire em que interação e mediação contribuem no bom emprego da leitura como conteúdo a ser trabalhado nas turmas da EJA levando-os a refletir e compreender o que leem, na construção do pensamento crítico. Sendo assim, a temática serve como base para organizar os conteúdos e mediar os diálogos em sala. Para que aconteça de forma contundente a escolha do tema deverá partir de ações do seu cotidiano para melhor associação e compreensão da leitura ao comparar situações já internalizadas no seu cognitivo. Além do que, as orientações realizadas na disciplina de estágio contribuirão para enxergar essa necessidade de trazer elementos que permeie no meio social dos alunos e ao mesmo tempo contribua agregando conhecimentos que possam ser compartilhados na vivência em sociedade.

Nota-se que falar em seres pensantes é discutir a visão Freireana que via a aprendizagem pela interação adotando o método dialógico para romper com o ensino tradicional, no qual chamava de “Bancária” e assim, proporcionar o ensino que os liberte da doutrina em ter o professor como transmissor do saber e o aluno receptor dos conteúdos por práticas de memorização. Freire considerava o ensino tradicional insuficiente por não influenciar os educandos a pensar explorando o intelecto na relação homem-mundo de maneira que a aprendizagem permitam buscar respostas aos problemas, desta maneira, o aluno passa a desenvolver o papel de aluno pesquisador.

Levar os educandos a exercitarem o intelecto é permitir avançar no processo de alfabetização, ir além da decodificação, tornando-os capazes de compreender e interpretar textos e para que ocorra Freire diz que a melhor forma é buscar as problemáticas sociais “Se na

etapa da alfabetização, a educação problematizadora e da comunicação busca e investiga a “palavra geradora”, na pós-alfabetização, busca e investiga o “tema gerador” (FREIRE, 1987 p. 59). Os temas geradores permite organizar os conteúdos pragmáticos a serem aplicados para permanecerem nos estudos

Portanto, o tema gerador conduz ao pensamento crítico, reflexão sobre assuntos onde o analisador expõe seu juízo seja de forma positiva ou negativa, no desígnio de expressar suas compreensões e Freire utilizava das problemáticas no mundo como temas causadores para favorecerem os discursões de educador com educando permitindo que o educando passe de receptor para assumir a liberdade na busca de informações como investigador num mundo mediado pelo conhecimento. As provocações geradas pelas injustiças e desigualdade existente na sociedade são realidades vivenciadas pelos educandos que os faz ricos de conhecimentos consentindo a exploração dos temas geradores com mais consciência. Sendo assim, o educador passa a assumir a função de condutor na relação homem e mundo.

Desta maneira, o educador já não é o que apenas educa, mas o que, enquanto educa, é educado, em diálogo com o educando que, ao ser educado, também educa. Ambos, assim, se tomam sujeitos em que crescem juntos e em que os argumentos de autoridade já não valem. Em que, para ser-se, funcionalmente, autoridade, se necessita de estar sendo com as liberdades e não contra elas [...] Para o educador-educando, dialógico, problematizador, o conteúdo pragmático da educação não é uma doação ou uma imposição – um conjunto de informes a ser depositado nos educandos, mas a revolução organizadora, sistematizada e acrescentada ao povo, daqueles elementos que este lhe entregou de forma desestruturada. (FREIRE, 1987 p. 39 e 47)

Ao exercitar o dialogismo em sala de aula o educador percorre caminhos que oportuniza uma aprendizagem ultrapassando barreiras metódicas que vai além do ensino da língua por sua funcionalidade, passando a incorporar atalhos que aguçam a visualização por meios próprios tendo o professor como orientador e não como mentor das informações, possibilitando o aluno a construir seu conhecimento por intermédio da investigação onde o educador passa a ver seu aluno como pesquisador e não como receptor de conteúdo sem questionamentos, pois o pesquisador não esgota sobre os primeiros dados apresentados, está sempre em busca da raiz dos argumentos com questionamentos inesgotáveis, onde o saber se dá de várias maneiras e não está centrada em um único indivíduo, mas na ligação de um com o outro, por isso que os temas são essências que favorece a troca de conhecimento entre educador e educando, educando e educador como também de educando com educando, utilizando a comunicação como pratica exercida pelos sujeitos dentro e fora da escola.

A problematização que encontramos internalizada nas temáticas penetram na sala de aula ajudando a desenvolver a leitura racional e por isso que muitos estudiosos humanistas

buscam a capacitação num olhar linguístico que permite ampliar suas compreensões e produções no uso da língua entre falantes, pois o dialogismo é visto como a relação entre a leitura e a escrita, onde o texto não é isolado mas correlacionado com o discurso.

Contudo os temas transversais trazem características das fontes de Paulo Freire quando representam no PCNs essa perspectiva de formar cidadãos críticos buscando através do conhecimento o seu posicionamento na vida social, levando-os:

A compreender a cidadania como participação, social e política, assim como exercício de direitos e deveres políticos, civis e sociais, adotando, no dia a dia, atitudes de solidariedade, cooperação e respeito as injustiças, respeitando o outro e exigindo para si o mesmo respeito. (BRASIL, 1997, p. 69)

A relação dos temas transversais com as problemáticas sociais, contribui a interação dos alunos com as aulas, pois falar sobre assuntos relacionados a suas vivências possibilita a uma reflexão dos seus atos que servirá de conscientização e prevenção aos males que muitos negligenciam voltando-se a estudos que trabalham uma estrutura perceptiva, emotiva e mental.

A transversalidade cruza o conhecimento escolar com o conhecimento social na intenção da formação cidadã. Esses temas têm caráter disciplinar e são postos pelos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCNs) assinalando os avanços educacionais na preparação dos alunos para o mundo. Pois as disciplinas passam a agregar a aprendizagem partindo de temas com caráter ético, político e social, causando a interdisciplinaridade com as disciplinas envolvidas, tornando impossível tratar de uma temática sem buscar conhecimentos em outras áreas do saber. Além do mais, a Língua Portuguesa é interdisciplinar e percorre as demais disciplinas por meio da linguagem que está presente nas diversas leituras que dão suporte as demais áreas da educação. Para isso, os profissionais da educação têm que compartilhar da mesma ideia, ou seja, do mesmo tema para que os alunos percebam a participação de determinada disciplina na construção do aprendizado.

Haja visto que a escola torna-se responsável na formação dos indivíduos que habitam o ambiente escolar para viver em sociedade, cabe aos professores aderirem essa nova prática dialógica que quebra a individualidade entre as disciplinas do saber, levando o aluno a compreender o mundo a partir das aprendizagens epistemológicas. No entanto a interdisciplinaridade está na relação de um mesmo assunto permeando as disciplinas do saber, onde cada profissional agrega conhecimento servindo de ramificações aos temas transversais. Com essa finalidade, o aluno passa a aprofundar seus conhecimentos, compreendendo que é através da habilidade de leitura, interpretação e compreensão, que suas análises produtivas serão concretizadas.

A formação partindo dos temas transversais se complementa no ensino da língua portuguesa como caráter interpretativo e construtivo sobre a linguagem, língua está que é comunicativa e está representada também nos textos que “para serem compreendidos, necessitam do conhecimento do leitor/ouvinte sobre o mundo de que falam, sobre a sociedade em que estão inseridos e também sobre a língua em que são escritas/faladas. ” (SANTOS, MENDONÇA e CAVALCANTE, 2007 p. 28).

Os textos por serem uma linguagem comunicativa, desenvolve a capacidade dos alunos refletir, expor suas opiniões e entendimentos daquilo que se ler, e ao mesmo tempo, incorporar além de um ensino metalinguístico, ao epilinguístico, quer dizer, sai do ensino de palavras isoladas, para a utilização do seu uso dentro do contexto, refletindo sobre quem a escreve e a ler. Ter a leitura como parte da construção do conhecimento é poder utilizar dos variados gêneros, poesia, conto, reportagem, crônicas, música, romances, entrevistas, quadrinhos... como aliados a despertar o gosto pela leitura. Quanto mais os alunos tiverem contato com os textos maior será seu desenvolvimento na fala e na escrita. Sendo assim, os temas transversais condicionam as práticas de leituras.

Levando em consideração o projeto construído a partir das aulas de Estágio da licenciatura em Letras Português, nos proporcionou trabalhar em sala de aula com assuntos do conhecimento dos alunos, partindo do tema migração para possibilitar o diálogo por um assunto prosaico no seu cotidiano e que também ultrapassa os tempos históricos e culturais da sociedade na representatividade da literatura brasileira. A escolha do tema foi o ponto inicial para dar um direcionamento na realização da aula dialógica e fazer relação com a prática da leitura que vem assumindo destaque na deterioração dos rendimentos escolares.

O projeto, que serve de inspiração para as reflexões nesse TCC, trouxe uma didática voltada a leitura e utilizou a transversalidade instituída pelo tema como contribuinte complementar para ensino dialógico entre as disciplinas em seus variados temas. Compreendendo assim, a importância que as Leis de Diretrizes e Bases (LDB) as empregam nos Parâmetros Curriculares. “Os temas transversais, portanto, dão sentido social a procedimentos e conceitos próprios das áreas convencionais, superando assim o aprender apenas pela necessidade escolar. ” (BRASIL, 1997, p. 31) Com isso, os PCNs visam uma aprendizagem mutua, ou seja, partindo das problemáticas do hábitat para que assim consigam se posicionar de forma racional através dos questionamentos que pairam na sociedade e na vida. Além dessa conscientização as leituras associadas aos temas trarão uma oportunidade,

desperdiçada por muitos discentes, a respeito do ensino da língua partindo da interpretação e construção de como foi dada a escrita para se tratar de determinados temas tão polêmicos.

A língua e a linguagem é, a priori, objeto de ensino/estudo da língua portuguesa e devem estar interligados, onde o ensinar da língua, os sons, palavras e frases, não exclui o trabalho a ser realizado pela linguagem que é uma forma mais abrangente contendo os elementos da língua para formar os textos orais ou escritos. Quando falamos em língua devemos salientar que sua construção parte da existência da morfologia, sintaxe, semântica e pragmática responsáveis pela compreensão na fala e escrita, e por isso, os textos têm que circular nas salas de aulas em seus variados gêneros textuais contribuindo com o processo de leitura para que os alunos possam incorporá-los e praticá-los como *hobbies*, indo além dos muros escolares. Entretanto, as leituras partindo do ensino com os variados tipos de textos passaram a contribuir positivamente com os avanços do conhecimento, permitindo que as aulas saíssem do método funcionalista para mergulhar no método interativista. Como ressalta Carmi e Márcia, (2007, p.27) “o texto passou a ser o objeto de ensino nas salas de aula. Isso de fato foi um avanço, já que, até então, a análise de frases e palavras soltas era o procedimento mais adotado no desenvolvimento de capacidades de linguagem nas aulas de língua portuguesa”

A mudança do método tradicional, principalmente nas salas da EJA, torna-se pertinente a uma educação libertadora que resgatará esses indivíduos excluídos dos avanços na vivência social por falta de uma educação de qualidade. E ter a leitura como parte integrante dessa mudança, é poder atribuir seu trabalho de docente na formação de leitores.

3.2. Apresentando o projeto didático aplicado no estágio supervisionado.

Buscamos nas salas de aulas, principalmente nos ciclos finais do ensino básico, levar os alunos a apropriar-se do ato de ler partindo do processo de letramento, e assim, possibilitar oportunidades de leituras que os enriqueçam intelectualmente tornando-os capazes de exercê-las em seu cotidiano. Contudo, no dia a dia deparamos com inúmeras situações que desafiam demonstrações do nosso conhecimento cognitivo, seja com finalidades pessoais, profissionais ou até mesmo comunitárias. Sempre no intuito de adquirir, fornecer, informar, instruir e até compreender o mundo letrado que nos cercam, colocando o pensar e o agir sobre os domínios da escrita e da fala.

Sendo assim, o projeto didático pensado a ser aplicado no ciclo final do ensino básico, com alunos de faixa etária entre 17 e 25 anos, teve por finalidade incluir a leitura na sala de aula pelo contexto de letramento, já que a leitura é vista como algo complexo e por isso passa ser pouco exercitada acarretando insatisfação no desenvolvimento educacional, justamente, pelos alunos não conquistarem autonomia. Devemos salientar que a ausência leitora prejudica na produção textual, uma vez que, só conseguimos construir um texto mediante as informações compreendidas de uma leitura. Segundo Kleiman (2002, p. 16) fala que os alunos reagem assim por sentir dificuldade na execução da leitura e por não mentalizar o sentido de sua prática.

O momento da observação foi a base para realização da atividade prática do estágio supervisionado, investigar a problemática e a partir de sua identificação pensar na contribuição de reparação aqueles alunos. Deste modo, contemplar e trabalhar as etapas de leitura foram os caminhos a seguir na execução das aulas, usando as teorias de Paulo Freire para propor oportunidades de libertação a jovens e adultos através do pensamento crítico. Então o tema abordado no projeto “Migração” teve os primeiros pensamentos, resgatando a cultura com vivências do passado, o êxodo rural, e ações do cotidiano deles, na atualidade, bem peculiar na cidade de Cabedelo com a migração para outras cidades. A leitura estava presente na sala de aula e levando os alunos a dialogar com os conhecimentos que já sabiam sobre o assunto, os famosos conhecimentos prévios.

Com isso, o tema “Migração” deriva da análise social, cultural e econômica da região, unindo acontecimentos entre o passado e o presente com reflexos característicos de migração interna. Presenciamos nesta abordagem fatos cotidianos da região para serem usadas nas socializações em sala de aula tendo os gêneros textuais interligando e aflorando discursões sobre o tema. A leitura acaba sendo boa forma de reparação a sujeitos com defasagem no ensino, onde passa exercer significância para aprimoramento do nível letrado de jovens e adultos, em especial dos ciclos correspondentes ao desenvolvimento da aprendizagem. (Fundamental II e médio).

Este projeto buscou contribuir, por intermédio das aulas de língua portuguesa, com o enriquecimento cultural dos alunos, realizando uma ligação do passado com o presente das características regionais da cidade de Cabedelo – PB, local onde foi realizado a prática na elaboração do projeto que será visualizado adiante.

PROJETO DIDÁTICO:

Tema: Migração

Objetivos:

Objetivos Gerais:

- Desenvolver habilidades de leitura em sala de aula da EJA, permitindo uma reflexão e interpretação de textos literários e não literários que dialogam com o tema proposto sobre migração no aprimoramento do uso da língua materna. Como também propiciar aos alunos o conhecimento com a cultura do local, fazendo uma ponte ligando o passado e a atualidade migratória na região.

Objetivos Específicos:

- Levar o aluno da EJA expressar seus pensamentos críticos, num processo de interpretação e produção textual.
- Oportunizar aos alunos o contato com obras literárias e inferir a leitura em suas práticas.
- Possibilitar o acesso ao gênero música, poesia e notícias como tipos de leitura na escola, buscando efetivar os processos de leitura e de escrita dentro da escola para usos sociais.
- Apresentar uma aula expositiva com a participação dos alunos nas discussões e realizações de atividades dinâmicas em sala de aula.

Conteúdos:

- Modernismo
- Linguagem Verbal
- Gênero Textual notícia, música e poesia
- Produção e interpretação
- Pontuação

Objetos de Estudos:

- Trecho da obra Morte e Vida Severina de João Cabral de Melo Neto;
- Poema de Roseane: Em verso e prosa “O retirante”
- Gênero Textual notícia: Navio tailandês chega a Cabedelo com três africanos clandestinos a bordo; imigração já foi acionada;

- Manoel Bandeira: Trem de Ferro
- Poema de Fernando Pessoa: Mar Português
- Documentário sobre os imigrantes Holandeses e construção do Forte de Santa Catarina
- Música de Renata Arruda: Porta do sol

METODOLOGIA

1º Momento:

Iniciamos o projeto conduzindo o diálogo a respeito do que se entende por migração e a diferença entre Emigrante e Imigrante, buscando identificar seus conhecimentos prévios sobre o tema a ser abordado nas aulas. Após ouvir e relacionar no quadro os significados sobre o que é migração foi realizada a leitura pelo professor, condutor da aula, sobre o trecho da obra “Morte e Vida Severina” de João Cabral de Melo Neto. Ao terminar a leitura iniciou-se a condução da leitura sobre o texto por questionamentos como:

- Já leram ou assistiram sobre a obra “Morte e vida Severina”?
- Qual seu entendimento sobre o título?
- Pensemos nas palavras que compõem o título.
- Qual é a relação entre “morte” e “vida”? Têm o mesmo significado ou se opõem?
- Como é que nós chamamos isso na gramática? Sinônimo ou antônimo?
- O que significa uma morte e uma vida Severina?
- Severina não seria uma qualidade para a morte e para a vida?
- Por que o autor inicia o texto com um travessão?
- Por que ele se refere a vida como Severina?
- O que faz Severino um retirante?
- Qual o significado da palavra franzina no texto?
- Quem foi João Cabral de Melo Neto? Essa pergunta possibilitará no diálogo sobre uma breve biografia do autor e o movimento literário para a construção da obra e o contexto.

Nessa primeira etapa, realizou a leitura do poema de Roseane Freitas uma poetiza não canônica dialogando com a obra de João Cabral de Melo Neto. A leitura contou com a participação dos alunos onde sete dos alunos presentes realizaram a leitura por estrofes e logo após, questionamentos foram feitos para conduzi-los a compreensão do texto.

- Conduzi-los a entendimento sobre a obra.
- O tema proposto neste poema é o mesmo relacionado na obra lida anteriormente?
- Quando a autora menciona “Da terra onde nasce o sol” ela está se referindo a quê?
- Qual o sentido no texto da palavra outrora?
- O eu lírico é um emigrante ou um imigrante? Qual passagem do texto marca esse ato migratório?
- O que levou ao eu lírico a abandonar suas raízes?
- Qual o sentido para a literatura das palavras versos e prosa?

Com base nos estudos dos dois textos anteriores solicitamos uma atividade em sala, onde os alunos foram separados em dupla para realizarem a entrevista entre ambos sobre as seguintes perguntas:

Entrevista:

1. Qual a sua naturalidade?
2. Qual a sua profissão?
3. Você reside próximo à escola? Qual o meio de transporte você utiliza para chegar até ela?
4. Você trabalha? Em quê?
5. Você veio morar na cidade para trabalhar? Por quê?
6. Como você se locomove de casa para o trabalho? Qual o meio de transporte que você usa?
7. Na sua família tem casos de imigração e emigração? Alguém de sua família veio para cá ou saiu para buscar melhores condições de vida? Se sim, relate como se deu o processo.

2º Momento:

No segundo momento da aula apresentamos os resultados da entrevista realizada por cada um. Fazendo relação com o tema estudado nas aulas anteriores sobre emigração e as dificuldades encontradas no percurso de um retirante. Essa atividade serviu de base para iniciar a segunda etapa do projeto focando nas imigrações, tendo como auxílio de análise a notícia do

jornal *FN Focando a Notícia o jornalismo em ação* “Navio tailandês chega a Cabedelo com três africanos clandestinos a bordo; imigração já foi acionada. ” Para a leitura, foi solicitado um leitor voluntário para a socialização com a turma, e concluiu com indagações sobre o texto no propósito da aquisição do conhecimento proposto sobre o tema migração.

O assunto partiu de exemplos da atualidade para poder adentrar na história dos antepassados como a chegada dos holandeses e assim, comparar com o processo de escravidão nos estados brasileiros. E assim, relacionar à cultura da cidade com os pontos de desenvolvimento e sustentabilidade da região. Buscou também, questionar a finalidade do porto, se foi criado para fins comerciais e resumidamente mencionar a sua história de construção. Além do trabalho literário, destacou-se nos textos os sinais de pontuação demonstrando suas finalidades na construção de sentidos. A todo momento, a prática de leitura compartilhada e sua interpretação para partilhar pensamentos e, ao mesmo tempo, ter a percepção que a compreensão aconteceu.

A esta altura do projeto, faz-se necessário trabalhar com a estrutura do noticiário, construído de forma objetiva a ser compreendido pelo interlocutor, mesmo assim, há possibilidades de existir palavras desconhecida para eles, dificultando o entendimento do texto. Com o auxílio do dicionário propor conhecimentos dialetais através da pesquisa, já induzindo-os a ser um pesquisador.

3º momento:

Nessa terceira etapa, abordar o desenvolvimento da cidade, aproveitando o gancho nos textos anteriores, para adentrar de forma descontraída com o poema de Manoel Bandeira “Trem de Ferro” levando-os a percepção da sonoridade do poema, neste caso, requer uma habilidade na recitação e assim, foi exposto o áudio para que ouçam e capitem a proposta do autor. Posteriormente questionamentos sobre o texto, do tipo:

- Por que o poema faz uso desse título?
- Observando as expressões no texto (Ó...) O que significa?
- Será questionado para princípio do diálogo por representar uma característica do trem.
- Qual a relação de proximidade do poema com o desenvolvimento da cidade?

Fernando Pessoa teve contribuição além de literário, contribuiu com o dialogismo da sua obra “Mar Salgado” que trata tanto do desenvolvimento, quanto da sustentabilidade da cidade. Além de focar nesse aspecto será interpretado cada estrofe, sinalizando o uso dos acentos postos no texto. Como Ó mar salgado, que retrata superioridade, as exclamações

expressando sentimentos, seja por entusiasmo súplicas, horror ou até mesmo espanto. Esse poema dialogará com a notícia trabalhada sobre imigração do jornal Foco de Notícia.

4º Momento:

A quarta etapa concluiu com a canção de Renata Arruda, “Porta do Sol”, que trata da valorização da terra, onde puderam retomar os assuntos tratados nas aulas anteriores e concluir com sua argumentação sobre cidade. Em atividade final foi solicitado a produção de um texto argumentativo, expondo sua visão sobre o desenvolvimento e sustentabilidade da cidade, levando em conta os relatos em sala de aula. Vocês veem Cabedelo no processo de desenvolvimento e de sustentabilidade? Dê seu ponto de vista sobre o questionamento abordado?

3.3. Análise a partir do projeto

Depois de expor a metodologia pensada para as experiências de estágio em turma da EJA, agora iremos dissertar o modo como os conteúdos foram pensados e arquitetado no projeto de ensino ao ponto de confirmar sua veracidade na interação com as teorias aplicadas nos capítulos anteriores, de tal modo, que fortaleça o pensar transformador na formação de leitores capazes de modificar as desistências que causaram carência escolar e consecutivamente um baixo desenvolvimento intelectual já discutido no segundo capítulo. No mais, vem ganhando notoriedade através de reportagens e estudos científicos, a preocupação com a insatisfação do nível de letramento dos brasileiros, e ao mesmo tempo, saber que essa realidade repercute a estudantes que ainda estão em ambiente escolar e tem a ação leitora negligenciada com ênfase no sistema público.

O descaso da leitura também percorre a Educação de Jovens e Adultos o que deixa esses estudantes ainda mais fragilizados acarretando estragos avassaladores no processo de aprendizagem e isso se dar por terem a leitura apenas como sistema de decodificação. Mas sabemos que o ato de ler requer outros mecanismos além da leitura de palavras para se chegar ao ápice, o que nos leva a concordar quando Solé (2007, p.55) remete o processo de decodificação sendo necessária para saber ler, mas, insuficiente no requisito competência leitora e cada vez mais os alunos não são estimulados a reflexão e se encontram estagnados por desenvolverem apenas a decodificação do texto.

Durante as experiências de estágios, na disciplina de língua portuguesa, identificamos que os professores valorizavam mais o uso da palavra do que a sua reflexão e partindo dessas

informações a intervenção buscou trabalhar de forma oposta aos que estavam habituados, levando os alunos a experimentar a prática leitora e assim, poder ganhar autonomia através de sua prática. O que não quer dizer que não seja importante abordar os conhecimentos linguísticos em sala de aula, porém que eles não sejam a única forma de aprender a língua portuguesa e muito menos usar os textos como pretexto aos estudos gramaticais de forma isolada. (KLEIMAN, 2002, p. 17). Logo se compreende, que estudar a linguagem é também uma forma de estudar a língua, e sendo assim, explorar as habilidades leitoras é poder vincular a língua e linguagem no conhecimento em sala de aula, evitando as repetições de gerações em gerações em ter os estudos da língua portuguesa presa nos estudos dos códigos linguísticos.

Para mudar os hábitos tradicionalista de ensino, buscamos através das percepções do mundo propor a formação do sujeito reflexivo e permitir que os fatos existenciais integrassem as salas de aulas como temáticas, propiciando o diálogo de educador com educando com trocas de conhecimentos explanados por cada um. Então, foi com o propósito dialógico que a temática englobou os objetivos didáticos do projeto apresentado anteriormente, tendo a temática como suporte para conduzir a leitura em sala de aula, já que ela é muito importante na formação cidadã. Então, apresentar os temas como motivadores da aprendizagem é adentrar no universo dialógico visando a realidade dos alunos para fortalecer os discursos.

O processo de interação foi usado como ponto estratégico no objetivo da competência leitora, pois são mecanismo que permite a compreensão do objeto analisado. Até porque, segundo Kleiman (2002) essa troca de informações leva a compreensão e desse modo “implica que é na interação, isto é, na prática comunicativa em pequenos grupos, com professores ou com seus pares, que é criado o contexto para aquele que não entendeu possa compreender. ” (KLEIMAN, 2002, p. 10) Pois mesmo com toda heterogeneidade encontrada na sala de aula, permitir que todos consigam ler e compreender os variados tipos de leitura precisamos utilizar as estratégias para avançar no nível letrado. Portanto, é esclarecedor quando identificamos na teoria de Freire (1987) reflexões que rompa com o tradicionalismo nos sistemas de ensino ao dizer:

O que temos de fazer na verdade, é propor ao povo, através de certas contradições básicas, sua situação existencial, concreta, presente, como problema que, por sua vez, o desafia e assim, lhe exige resposta, não só no nível intelectual, mas no nível da ação. Nunca apenas dissertar sobre ela e jamais doar-lhe conteúdos que pouco ou nada tenham a ver com seus anseios, com suas dúvidas, com suas esperanças, com seus temores. Conteúdos que, as vezes, aumentam estes temores. Temores de consciência oprimida. (FREIRE, 1987, p. 49)

Vimos nesse recorte do livro de Freire que a aprendizagem deve atender os interesses dos alunos para que eles compreendam o quanto é importante estarem na escola aprendendo

mais e mais onde os conteúdos apresentados façam sentido na construção cidadã e se sintam motivados para continuarem se aperfeiçoando. Nesse sentido, os fatos existenciais do mundo são suportes da aprendizagem ao permitir clareza na abordagem dos conteúdos, intensificando que ela não está para além das competências dos alunos. Bem como nos lembra Kleiman (2002, p. 10) “os alunos não se motivam quando estão fazendo algo que consideram complicado, fora de suas compreensões, justamente por não encontrarem sentido. ” Esses fatos estão relacionados no requisito leitura por ter o texto empregado, muitas vezes, como caça palavra para os estudos gramaticais, esquecendo o conjunto de elementos que se interligam dando sentido ao texto.

Portanto, a leitura vai muito além de um amontoado de palavras, ela realiza-se também por traços, formas geométricas, ilustrações das cores, imagens, enfim, por todo e qualquer forma de expressão comunicativa que venha transmitir mensagem. Mediante aos fatos, lembramos dos argumentos de Martins (1988, p. 7) ao trazer questionamentos sobre a impressão que muitos criam vinculando a leitura ao sistema de escrita e de ter as letras apenas sendo decodificada pelo leitor. Deste modo, suas observações atentam as expressões realizadas pelas as percepções que são perceptivos aos olhos como: ler os gestos, o espaço, as situações entre outros, sendo atos praticados por nós no dia a dia e não os consideramos como leitura. As pinturas e esculturas são exemplos de leituras que não são verbalizados, mas traz uma representatividade comunicativa.

Presenciamos nas aulas de língua portuguesa a divisão entre os estudos de língua e literatura, como também a valorização dos ensinamentos da língua e a exclusão da literatura nas atividades em sala de aula. Tal comportamento vem diminuindo o conhecimento literário e diminuindo a prática de leitura em escolas públicas. Houve a perplexidade ao perguntar sobre conhecimento da obra e autor da ‘Morte e Vida Severina’ e ter negação nas respostas. Esse acontecimento fortaleceu o desejo de pensar sobre a influência da leitura na EJA e resgatar a cultura do passado com ligações na atualidade sobre o tema “Migração” na cidade de Cabedelo. Falar do passado não foge da proposta educativa de Freire (1987) quando diz:

Uma unidade epocal se caracteriza pelo conjunto de ideias, de concepções, esperanças duvidas, valores, desafios, em interação dialética com seus contrários, buscando plenitude. A representação concreta de muitas destas ideias, destes valores, destas concepções e esperanças, como também os obstáculos ao ser mais dos homens, constituem os temas de época [...] Desta forma, não há como surpreender os temas históricos isolados, soltos, desconectados, coisificados, parados, mas em relação dialética com outros, seus opostos. Como também não há outro lugar para encontrá-los que não seja nas relações homens-mundo. O conjunto dos temas em interação constitui o universo temático da época. (FREIRE, 1987 p. 53)

Considerar nas rodas de leituras a relação do homem e suas ações no mundo diz muito dos feitos históricos que Freire consideravam importante ao ensino. No entretanto, quando

falamos em migração vem à mente o período histórico do êxodo rural, a seca que martirizou povos obrigando-os a evadirem dos locais de origens para sobreviverem nas grandes cidades. Mas a migração percorre no tempo, um tema que traz marcas do passado e reflete também no presente e tem vínculo com os alunos que estão na EJA, proporcionando contação de história. Analisarmos o presente e constataremos que são fatos que se interligam, permitiu explorar os vários tipos de gêneros textuais contextualizando para melhor aprendizagem dos alunos. E que fosse atendido os objetivos pensados para aquela turma de jovens e adultos com a leitura.

Poder levar ao conhecimento dos alunos fatos históricos registrados na literatura brasileira é importante, enriquecedor, mas trazer a temática aos registros locais de habitação passou a ser esplêndido. Sendo assim, buscamos seguir uma proposta que não utiliza-se apenas os fatos passados registrados nos livros literários e históricos, mas trazer essa interação aos tempos atuais, relacionar o ontem com o hoje. Segundo Martins (1988, p.34) “aprender a ler significa também aprender a ler o mundo, dar sentido a ele e a nós próprios, o que, mal ou bem, fazemos mesmo sem ser ensinados.” O tema migração foi uma análise investigativa da vivência dos alunos e do local que habitam trazendo a cultura e o desenvolvimento da cidade como tópico gerador permitindo conhecer os fatos que marcaram a ideologia do local, inclusive da construção e da geração de emprego do porto a frequente utilização de meios de transporte (balsa, navios cargueiros, trem, transporte coletivos, etc.) e a presença do mar relacionando a profissão muito almejada pelos moradores de Cabedelo, promovendo entrada e saída de pessoas em busca de melhores condições de vida, deste modo a leitura contendo a interpretação e produção de textos foram contempladas como conteúdo de aprendizagem.

Conforme explorados em sala de aula, os gêneros poesia, notícia e música fizeram parte dos objetivos das práticas de leituras em sala de aula, com o desígnio dos alunos galgarem além da identificação das letras que pudessem aprimorar as competências leitoras ao comentar sobre o que leram e ouviram atribuindo sentido ao texto; com desafios que os façam refletir as intenções empregadas pelo autor, no qual o aluno interpreta com base nos conhecimentos prévios adquiridos anteriormente, ou seja, dados que eles trazem devido suas experiências com o mundo, como também no contato com outros textos, do que conhecem do gênero e do autor. Quando ouve outras interpretações sobre o mesmo texto, ele passa a considerar diferentes pontos de vista e revê os seus, modificando-os, ampliando-os e reforçando-os, estratégias interativas que os levam a considerar o que um colega compreendeu, que caminho percorreu para chegar àquela conclusão e localizar qual parte da leitura possibilitou sua análise, ajuda-o

a buscar sentido, e a entender melhor o conteúdo, ampliando sua própria interpretação sobre o texto e sobre outras leituras.

As situações de ensino/aprendizagem que se articulam em torno das estratégias de leitura como processos de construção conjunta, nos quais se estabelece uma prática guiada através da qual o professor proporciona aos alunos os “andaimes” necessários para que possam dominar progressivamente essas estratégias e utilizá-las depois da retirada das ajudas iniciais. (SOLÉ, 2007, p.80)

A leitura compartilhada, a leitura pelos alunos e pelo professor foram atribuídas nesse projeto, destacando situações favoráveis à reflexão e a discussão sobre o lido. Momentos dedicados à apreciação, à troca de impressões e opiniões e ainda à análise de elementos literários, entre eles, o papel do narrador, as mudanças vividas por um personagem, as motivações de personagens para determinadas atitudes, a linguagem usada pelo autor para se refletir a um evento ou mesmo para descrever situações estão implícitos no texto e precisam ser acionados para que se aja entendimento. É um momento único em que o leitor deve examinar detalhadamente o texto, identificando as ideias principais, a mensagem que o autor quer passar. Leitura como reflexão onde o leitor vai analisar aspectos ligados ao seu conhecimento de mundo atribuindo sua expressão sobre o que ler.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Pelas observações dos aspectos analisados neste trabalho, identifica-se que a prática leitora contribui no combater ao baixo nível de aprendizagem dos alunos na EJA. No entanto, essa tese foi defendida nos dois primeiros capítulos, em que o primeiro trouxe argumentos significativos sobre os benefícios da leitura ao desenvolvimento escolar, e o segundo ao retratar as problemáticas enfrentadas por esses indivíduos que trazem marcas ocasionado pelas injustiças que dividem a sociedade em realidades tão distintas. De um lado temos os favorecidos vivendo de sombra e água fresca, sendo privilegiados a desfrutar de melhores situações financeiras que os oportunizam a fazer bom uso dos momentos de aquisição do conhecimento dedicando seu tempo aos estudos e só para os estudos. Do outro lado, encontramos os que vive de forma oposta, recebendo a titulação de oprimidos, como caracteriza Freire, com um histórico árduo com muitas lutas e sofrimento.

As degradações vivenciadas por essa população oprimida sensibilizam a muitos que compreende o quanto é dolorosa e penosa a situação vivenciada e buscam contribuir fraternalmente compartilhando suas aprendizagens, como foi o caso de Paulo Freire que de forma progressista deu os primeiros passos acreditando que a mudança deriva do acesso à educação. E este pensar não está equivocado, pois quando aprofundamos nossos conhecimentos temos mais possibilidade de melhorar nossa vida para viver num país que gira em torno do capitalismo, aflorando ainda mais a desigualdade no país.

Porém, ter a oportunidade de estar na escola é benéfico mas não torna suficiente para superar toda dificuldade sofrida por esses indivíduos da EJA que um dia, por motivos bem discutidos aqui neste trabalho, tiveram seus direitos negados. Na verdade, é preciso complementar o processo de inclusão contemplando conteúdos que os aflore e os façam buscar mais e mais aprimorar os conhecimentos, e assim permitir conhecer o mundo que lhe cerca. Portanto, criar consciência que ao praticar a leitura estamos entrando num universo das descobertas e ao mesmo tempo encontrando respostas ou até mesmo caminhos para compreender e resolver indagações em nossas vidas estamos contribuindo para o crescimento gradativo que nos permite mudar uma realidade de limitações e submissão, deixando de serem leigos na compreensão da informação.

Faz parte incluir a leitura para alcançar a evolução educacional, até porque, o ato de ler propicia descobrir o mundo e os elementos que o compõem, ao mergulhar num universo de

conhecimento sem proporção e ao mesmo tempo ajuda no desenvolvimento psíquico e cognitivo, permitindo melhor clareza e equilíbrio em suas ações por tornar o sujeito pensante, convicto de autonomia. Os sujeitos que estão na EJA necessitam de construir essa autonomia devido a estagnação em que se encontram por não obterem no momento oportuno o desenvolvimento que necessitavam para irem galgando cada etapa da sua vida.

No entanto, acredita-se que trabalhar habilidade leitora com os alunos da EJA contribui na valorização daqueles que vão a modalidade de ensino reparar a carência de conhecimento que possuem e ao mesmo tempo sendo fundamental para alcançar o equilíbrio que os favoreça como cidadão conhecedores de seus direitos e deveres. Sabemos que para atingir o maior grau de satisfação escolar depende de um trabalho em conjunto em que não existe um único responsável mais todos fazendo o que lhe cabe. É deste modo, que a formação do professor deve ser pensada como contribuinte para um trabalho em conjunto, tendo em vista que a finalidade curricular da disciplina na graduação é preparar o graduando (a) para a proficiência em sala de aula, e assim, possibilitar através da prática e dos conhecimentos teóricos ofertados durante o curso, uma formação docente que fortaleça e melhore o ensino básico ofertado nas escolas públicas.

Só nos resta esperar que os professores criem consciência do quanto é significativo, principalmente aos alunos da EJA, trabalhar a habilidade leitora em sala de aula possibilitando o contato com os vários gêneros textuais que auxiliam no ato de lê e após esse contato poder se apoderar do que mais lhe agrada, criando um hábito leitor, seja ela aplicada pela forma verbal ou não verbal, mas que agregue conhecimento. Isso só será possível a partir do seu amadurecimento que vai ficando cada vez mais aguçado a medida que vai se experimentando.

Portanto, a visão empregada no projeto didático aplicado na turma do estágio supervisionado foi desenvolvida buscando influenciar o trabalho da habilidade leitora com a turma que durante o processo de observação levou a percepção da ausência dessa prática no seu desenvolvimento tanto em sala de aula quanto fora dela e por se tratar de uma problemática mundial, já que o que revela as pesquisas desenvolvidas sobre o índice de analfabetismo funcional destacando grande foco a pessoas que permeiam a faixa etária entre 15 e 64 anos com dificuldades em compreender e interpretar textos.

REFERÊNCIAS

BORDINI, Maria da Glória; AGUIAR, Vera Teixeira. **Literatura: a formação do leitor: alternativas metodológicas**. 2ª ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1993.

BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: apresentação dos temas transversais, ética** / Secretaria de Educação Fundamental. – Brasília: MEC/SEF, 1997.

BRASIL. Secretaria de Educação. **Trabalhando com a educação de jovens e adultos: alunas e alunos da EJA**. – Brasília: MEC/SEF, 2006. Disponível em: <http://portal.mec.gov.br/observatorio-da-educacao/194-secretarias-112877938/secad-educacao-continuada-223369541/13536-materiais-didaticos>

Acesso em 10/06/2018

FAILLA, Zoara. **Retratos da Leitura no Brasil 4**: Rio de Janeiro: Sextante, 2016

FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a liberdade**: 5ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido**: 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo: **A importância no ato de ler**: em três artigos que se completam. (Col. Polemicas do nosso tempo 4 vol.) 23ª ed. São Paulo: Cortez, 1989.

GHIRALDELLI Junior, Paulo. **História da Educação Brasileira**: 5ª ed. São Paulo: Cortez. 2015

KLEIMAN, Ângela. **Oficina de leitura**: Teoria e prática, 9ª ed. São Paulo: Pontes. 2002

MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 9ª ed. São Paulo: Brasiliense, 1988

SANTOS, Carmi Ferraz; MENDONÇA, Márcia; CAVALCANTE, Marianne C. B. (Org.) **Diversidade textual**: os gêneros na sala de aula. Belo Horizonte: Autêntica, 2007.

SCHWARTZ, Suzana. **Alfabetização de Jovens e adultos**: teoria e prática. 2ª ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2012.

SILVA, José Barbosa, Educação de jovens e adultos e alfabetização: a natureza política. **Revista Conceitos**, v.8, n. 15, p. 59-67, março, 2009.

SOLÉ, Isabel, **Estratégias de leitura**, 6ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.